

RELEITURAS DO TEATRO CLÁSSICO E SUA RECEPÇÃO: UMA PRÁTICA DE LEITURA DRAMÁTICA PARA O PÚBLICO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tânia Cristina Kaminski Alves Assini 1
Robson Rosseto2

Faculdade de Artes do Paraná

RESUMO

A presente pesquisa tem como proposta refletir sobre o processo de recepção de textos do teatro clássico no Ensino Fundamental, tomando como ponto de partida a leitura e o estudo de *Medéia* (431 a.C), de Eurípidés e a peça *Gota d'Água* (1995), de Chico Buarque de Holanda e Paulo Pontes. Objetivou-se motivar a leitura das peças entre os alunos, levando-os a perceber que apesar do distanciamento de tempo e de espaço, a produção dramática contemporânea mantém diálogos com a tradição clássica. O estudo ancora-se no conceito de horizonte de expectativas apresentado por Hans Robert Jauss (1994), em que o mesmo problematiza a noção de “efeitos de sentidos” num viés que contempla texto, leitor e determinações históricas.

Palavras-chave: Tragédia; drama trágico; intertextos; Estética da Recepção.

Este artigo reflete sobre o processo de recepção de textos do teatro clássico no Ensino Fundamental, a partir do projeto de pesquisa de Iniciação Científica desenvolvido em parceria com a disciplina prática de ensino em atividades de estágio, do curso de Licenciatura em Teatro da FAP (Faculdade de Artes do Paraná). O projeto visava oportunizar estudos sobre a importância da leitura dos textos clássicos, em especial das tragédias gregas na dramaturgia do ocidente e sua representação como objeto de cultura no contexto do Ensino Fundamental e na formação de leitores, tomando como abordagem teórico-metodológica a Estética da Recepção.

A presente pesquisa pautou-se em estudos bibliográficos e estudos comparados. Num primeiro momento, realizaram-se leituras das tragédias de Eurípidés e estudos teóricos sobre o(s) sentido(s) de trágico antigo e sobre o drama

1 Graduanda do Curso de Licenciatura em Teatro da Faculdade de Artes do Paraná, aluna de Iniciação Científica do Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Formação Continuada/UNESPAR. tkfisioterapia@hotmail.com.

2 Mestre em Teatro pela Universidade Estadual de Santa Catarina/UEDESC, docente da Faculdade de Artes do Paraná/FAP. Integrante do Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Formação Continuada/UNESPAR e membro do GT Pedagogia do Teatro & Teatro e Educação da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas/ABRACE. rossetorobson@gmail.com.

trágico contemporâneo brasileiro, buscando compreender a especificidade do assunto e do gênero.

Para o desenvolvimento do projeto, tomou-se como ponto de partida a leitura e o estudo das tragédias de Eurípides, mais precisamente Medéia (431 a.C) e a peça Gota d'Água (1995), de Chico Buarque de Holanda e Paulo Pontes.

DA SELEÇÃO DAS PEÇAS E DO PROCESSO DE CONDUÇÃO METODOLÓGICA EM SALA DE AULA

As peças têm como objeto-modelo a “lenda” ou o “mito” da feiticeira da Cólquida, tal qual está expressa em Eurípides, colocada em Gota d'Água, à disposição da representatividade simbólica da realidade nacional, o que oportuniza ao professor trabalhar com o teatro como um objeto de cultura, além de possibilitar a ampliação dos campos da leitura e da interpretação no processo de formação de leitores.

Pretendeu-se motivar a leitura das peças entre os alunos, levando-os a compreendê-las como produto de cultura de uma época e fazendo-os perceber que apesar do distanciamento de tempo e de espaço, a produção dramática contemporânea mantém diálogos com a tradição clássica. Bornheim (1992) lembra que, seja através da releitura de um texto clássico, seja através do tratamento contemporâneo de um mito antigo, transposto muitas vezes para situações urbanas ou familiares de violência, é em uma perspectiva trágica que a existência humana se vê retratada, advindo daí grande interesse pelas tragédias gregas sempre que são disponibilizadas ao público, seja do teatro, seja da escola, pela leitura das obras em sala de aula.

Nesta perspectiva, propôs-se a realização de recortes de cenas de Medeia e de Gota d'Água para uma proposta de preparação do texto, visando o exercício da leitura dramática com alunos do Ensino Fundamental. Na condução teórico-metodológica desta pesquisa, foi aprofundado o conceito de horizonte de expectativas apresentado por Hans Robert Jauss (1994). Este autor, a partir do entendimento de que é por meio da comunicação que se estabelece a compreensão do sentido, problematiza sua discussão sobre efeitos de sentidos num viés que contempla texto e leitor em relação dinâmica, e não apenas “ou um, ou outro”, contemplando, ambos, profundas determinações históricas:

Para a análise da experiência do leitor ou da sociedade de leitores de um tempo histórico determinado, necessita-se diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor. Ou seja, entre o efeito, como momento condicionado pelo destinatário, para a concretização do sentido como duplo horizonte – o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial [...], trazido pelo leitor de uma determinada sociedade. (JAUSS, 1979, p. 50)

A partir deste enfoque que aponta para os traços fundamentais dos horizontes de expectativas, Aguiar & Bordini (1993) desenvolvem pesquisas no Brasil a que denominam método recepcional. Levando em consideração este método e sobretudo as reflexões de Jauss, o conceito de horizontes de expectativas serviu de base para subsidiar e analisar dados coletados através de questionários respondidos pelos grupos de alunos/espectadores sobre a leitura dramática de trechos das peças Medeia (431 a.C) e Gota d'Água (1995), a exemplo de trabalho desenvolvido por Rosseto (2007) sobre o espetáculo Auto da Índia.³

Em face da natureza dialógica [...], uma obra só permanece em evidência enquanto puder interagir com o receptor, sendo o parâmetro de aceitação do conceito horizonte de expectativas que o estudo de Jauss traz. O conceito é composto pelo sistema de referências que resulta do conhecimento prévio que o leitor possui do gênero, da forma, da temática das obras já conhecidas/lidas, e da oposição entre as linguagens poéticas e pragmáticas. (ROSSETO, 2007, p. 49).

Na sequência, levando em consideração as leituras anteriores sobre a abordagem teórica da Estética da Recepção – mais precisamente sobre o conceito de horizontes de expectativas – tomou-se como norte para a reflexão, a observação direta de um grupo de alunos do Ensino Fundamental sobre o processo de recepção de leituras de textos do gênero trágico antigo e do drama trágico contemporâneo. A proposta era verificar a recepção destes alunos com relação ao texto clássico e as possibilidades de estabelecerem relações entre os textos lidos.

3 O trabalho citado pesquisou o recurso de um questionário para levantar quais aspectos da encenação tiveram maior impacto sobre o público, envolvendo alunos da Educação Básica e também um público espontâneo. Nesse sentido, o mesmo colocou-se como referência importante para a proposta metodológica da presente pesquisa, pois oportunizou a compreensão do conceito de horizonte de expectativas proposto por Hans Robert Jauss na Estética da Recepção e a reflexão sobre o potencial desta abordagem teórico-metodológica para a dinâmica do trabalho da formação do espectador no contexto do ensino, em situação de sala de aula.

Na continuidade, procedeu-se ao estudo das peças para verificar em que medida os textos apresentavam possibilidades de adaptação e recriações que poderiam seduzir o público do Ensino Fundamental para a leitura e as encenações, propondo-se a ruptura dos horizontes de expectativas dos alunos.

Como resposta a estas investigações, percebeu-se que o interesse pela peça *Gota d'Água* (1995) deu-se devido a sua proposta de releitura do mito de Medeia. *Gota d'Água* retrata aspectos da realidade social brasileira na sua contemporaneidade sem perder o vigor do elemento trágico, fundamentado no texto de Eurípides, mantendo, inclusive, alguns elementos estruturais do gênero trágico antigo.

Aristóteles (1984) deixa claro que a estrutura dramática é determinada pela concentração do enredo em torno de um conflito central. Conforme A. Lesky (1982), a mutação do destino, pela aventura, núcleo da situação trágica, pode promover a queda do indivíduo da fortuna para o infortúnio, ocorrendo não por uma falha moral, mas por um erro, um descomedimento. Na acepção de Bornheim (1992), a tragédia moderna surge, então, como possibilidade de representação artística da dialética entre as diversas dinâmicas – desigualdade, humilhação, violência, privação, injustiça - e suas possibilidades de superação. Estes elementos estão contemplados tanto na tragédia antiga, quanto em suas releituras e diversas montagens, a exemplo de *Gota d'Água*, sendo importante refletir com os alunos/leitores sobre o processo de elaboração e transformação de sentidos nos gêneros textuais e seus determinantes históricos.

As atividades previstas para o projeto foram desenvolvidas em 6 aulas, em 4 turmas do Ensino Fundamental da Escola Estadual Segismundo Falarz, de Curitiba/PR, ministradas no ano de 2010. O presente trabalho tomou por base metodológica a Teoria da Recepção, além de apoiar-se nas proposições do Estímulo Composto.

Para dar início às atividades do projeto, primeiramente, os alunos foram colocados em contato com os conceitos introdutórios relativos à dramaturgia e ao método recepcional, por meio de explanação oral. Em todas as aulas, foram realizados exercícios de aquecimento corporal e vocal como forma de preparo para as etapas seguintes. Após as atividades de aquecimento, a turma foi dividida em 4 grupos, sendo que cada um recebeu um recorte de jornal. Os alunos foram informados de que a atividade consistia numa improvisação cênica com base na notícia do recorte que cada

grupo recebeu. Desta forma, foi possível trabalhar a dramaturgia criada pelos próprios estudantes a partir de um tema central: crimes passionais. Durante as apresentações, observou-se que os alunos prepararam as cenas a partir de suas próprias experiências de vida, e foi possível observar ainda que estas experiências eram muito similares. Eles trouxeram de suas memórias cenas que refletiam sobre violência ao humano. Todas as cenas mostravam tiros, agressões, palavrões e todo tipo de desrespeito. O que os diferenciou foi a maneira pela qual cada grupo resolveu a dramaturgia de sua cena, embora todas tivessem terminado de modo muito parecido. Durante o debate, falou-se sobre crimes passionais e fez-se um paralelo entre as cenas e a realidade atual de cada um. Os alunos relataram que é comum assistirem a cenas como as apresentadas tanto nos jornais televisivos quanto na própria vizinhança.

Após esta atividade, foi realizada uma breve explanação sobre a obra e a vida de Chico Buarque e Paulo Pontes, bem como a leitura de cenas da peça Gota d'Água. Posteriormente, os alunos foram divididos em quatro grupos e cada grupo recebeu um pacote contendo objetos que se relacionavam com o texto Gota d'Água, sendo orientados a improvisar uma cena que tivesse como base os objetos recebidos. As aulas seguiram-se com o debate, no qual os alunos puderam relacionar o que produziram com o que sentiram ao ler o texto de Chico Buarque e Paulo Pontes. Observou-se que o pacote com os objetos relacionados ao conteúdo da peça a ser estudada posteriormente serviu como estímulo para a leitura e interpretação da mesma.

John Somers (1999) aborda sobre o estímulo composto, metodologia citada em projetos voltados para alunos de ensino fundamental para a construção de uma peça sobre o tema da peste negra. Relata o autor:

Usei objetos, documentos e ambientações como ponto de partida para o drama e isto variou desde pedir aos alunos que imaginassem personagens e história a partir de um simples, porém, intrigante objeto, até usar uma combinação de objetos e documentos para criar espaços e conteúdos complexos, com estímulos e ambientações variadas para o drama. (SOMERS, 1999, p. 38)

O estímulo composto motiva as condições para a criação de personagens e eventos nos quais os objetos apresentados estariam envolvidos, apresentando-se

como força criadora e com grande capacidade para provocar e instigar processos criativos entre os alunos ou outros participantes. Nesta perspectiva, “deve haver uma tensão produtiva entre os artefatos e as informações que estes carregam” (SOMERS, 1999, p. 39).

Após as cenas, desenvolveu-se uma conversa com os alunos na qual se estabeleceu a relação entre a atividade praticada por eles e o texto *Gota d’Água*. Os alunos concluíram que as personagens criadas faziam parte de um mundo ficcional, mas que também eram semelhantes a pessoas reais que poderiam viver entre eles; sentiram-se entusiasmados ao saber que era possível conhecer personagens de um texto teatral produzido em uma outra temporalidade e, além disso, produzir cenas a partir de suas próprias experiências, o que possibilitou a ampliação dos horizontes de expectativas dos mesmos. Conforme Jauss (1994), a valoração do caráter estético de um texto é efetuada por quem o recebe, ou seja, o leitor. O horizonte de expectativa trazido pela nova obra transforma o horizonte de expectativa do leitor. Esse novo horizonte passa a ser o novo sistema histórico-literário referencial para as novas leituras.

Para Jauss, o caráter artístico de um texto é dado pelo efeito que o mesmo causa em seus leitores, a recepção atual de um texto articula-se à construção da experiência de vida do leitor.

As aulas prosseguiram com a orientação aos alunos de que realizassem uma improvisação a partir de fragmentos do texto *Gota d’Água*, seguido de leitura e exercício analítico entre a criação do autor e a criação dos alunos. As cenas desenvolvidas apresentaram questões muito focadas na realidade. A partir da leitura de cenas de *Gota d’Água* deu-se início a uma nova fase do processo. Trata-se de uma fase em que os alunos tiveram contato com um texto de tragédia grega. Realizou-se uma breve introdução à tragédia grega e em seguida explanou-se sobre a vida e obra de Eurípidés. Posteriormente, foram realizados exercícios de aquecimento vocal e corporal e, em seguida, a turma foi dividida em 4 grupos. Cada grupo recebeu um trecho do texto *Medéia*, mas sem que soubesse que texto era. Os alunos foram orientados a escrever o que aconteceu antes e depois do trecho recebido e posteriormente a improvisar uma cena com base na dramaturgia escrita por eles

mesmos. Após este momento de criação, identificou-se então a autoria do texto selecionado como base para a improvisação, realizou-se uma nova leitura deste fragmento e, por fim, promoveu-se um debate que tratou das diferenças entre o que foi escrito pelos alunos e o que foi escrito pelo autor do texto original.

Pavis (1999) argumenta que é necessário que um professor de teatro saiba estimular os alunos em sua capacidade de articular um discurso cênico por meio de um trabalho dramatúrgico, entendido como uma reflexão crítica sobre a passagem do fato literário ao fato teatral. Corroborando com este teórico, Marcos Bulhões Martins observa que:

Esta é uma condição para que os alunos possam aprimorar o aprendizado da atuação cênica e interferir, em diversos níveis, na escritura da cena. Trata-se não só de estimulá-los para a composição de uma partitura de jogo, como também no encaminhamento de uma tomada de posição sobre o mundo através da seleção e da atitude em relação ao(s) texto(s) escrito(s). [...] Na maioria das práticas de jogo teatral com textos, os fragmentos são o ponto de partida e a retomada de jogo ocorre isenta da proposição de novos materiais textuais por parte do coordenador. (MARTINS, 2003, p. 55).

O trabalho com fragmentos de textos selecionados funciona como elemento instigador para novas elaborações da cena. Segundo Martins, “o confronto gradual do grupo de atores com diferentes recortes de textos de autores diversos ao longo das retomadas de jogo tem-se mostrado como um caminho viável para a elaboração de diferentes dramaturgias” (MARTINS, 2003, p. 56). Na experiência do estágio, durante a fase de leitura de fragmentos dos textos selecionados, os alunos ouviram atentos os textos e acharam interessante conhecer uma história de mais de 4 séculos, além de mostrar interesse em como aconteceriam as improvisações baseadas na peça. A turma foi dividida em 4 grupos e foi entregue a cada grupo um trecho da obra. No primeiro instante, houve muita dificuldade entre alunos para compreender a peça. Havia vocábulos que eles não conheciam, além de a forma da escrita ser poética e arcaica. Mas foi possível dar atenção especial para cada grupo, o que ajudou muito na compreensão e na produção das cenas.

Durante as apresentações, observou-se mais uma vez como os alunos são influenciados diretamente por suas experiências pessoais. Foi difícil para eles apresentar uma cena de outra temporalidade. As cenas apresentaram muitos clichês,

além de manter uma estética absolutamente atual. Poucos alunos entre os grupos procuraram retratar o período da antiga Grécia, alguns o fizeram no jeito de falar e outros ao chamar os personagens como Sr. Rei ou Rainha. Vale lembrar que esta aula foi introduzida com uma contextualização sobre a antiga Grécia em que foram discutidos vários aspectos relativos ao período de produção das tragédias antigas, dentre eles o contexto político e cultural da mulher grega na época. O interessante dessa aula foi que eles começaram a perceber que indiferente à época alguns temas se repetem e já foram tratados há muito tempo, a exemplo de crimes passionais fruto de ambição, ciúme e traição. No decorrer das apresentações, os alunos foram relacionando elementos como perfil de personagens e temas encontrados nos textos Medéia e Gota d'Água aos textos e temas recortados de jornais. Alguns diziam “aqui também tem 'Jasão'” ou “nessa peça a mulher é traída pelo mesmo homem e mata seus filhos”. O fato é que eles começaram a entender que algumas questões estão mais próximas deles e que através das aulas de teatro eles puderam conhecer, experimentar e apresentar o que estavam entendendo, ou seja, foi possível sondar a recepção dos alunos com relação aos textos propostos.

Dois grupos receberam um fragmento do texto Gota d'Água e os outros dois de Medéia. Os alunos foram orientados a criar um perfil para dois personagens. Sendo que os dois grupos que receberam Gota d'Água criaram um perfil para Jasão e Joana, e os outros dois que receberam Medéia criaram um perfil para Jasão e Medéia. Posteriormente foram orientados a improvisar cenas com base nos perfis desenvolvidos por eles mesmos. Ao final, ocorreu um debate sobre o trabalho dos alunos com os textos lidos, observando quais foram os desafios enfrentados, como superaram os obstáculos textuais, quais aspectos ainda ofereciam dificuldades, quais as preferências quanto à temática, ou outros aspectos literários. Os alunos foram orientados a verificar se houve transposição para a vida real de situações narrativas ou poéticas e se os conhecimentos escolares ou vivenciais facilitaram o entendimento dos textos. Lembraram-se dos títulos das peças, temas, contexto histórico social, linguagem e gênero e também de seus personagens quando foram questionados oralmente.

Os grupos que representaram Gota d'água mostraram cenas bem distintas apesar de tratarem do mesmo assunto, já os grupos que encenaram Medéia apresentaram cenas muito parecidas. Ao encerrar com o debate, explanou-se sobre o processo de leitura e recriação a partir de temas e gêneros clássicos. Os alunos expressaram que estavam motivados a lerem outras tragédias gregas e outras produções contemporâneas que tomam por base mitos e tragédias gregas. Ao final da aula, foram feitas sugestões e indicações bibliográficas para subsidiar a busca dos alunos, na biblioteca da escola ou em sites especializados. Observou-se que o objetivo de familiarizar os alunos com a literatura dramática antiga e com a produção contemporânea, como releitura de mitos e temas, motivando-os para buscarem novas leituras foi atingido.

O estudo comparado entre as peças Medéia e Gota d'água propiciou a ampliação de conhecimentos dos alunos e oportunizou a pesquisa e a leitura orientada sobre mitos, personagens e temas presentes nos textos. Ao longo do trabalho, observou-se que os alunos refletiram de forma contextualizada sobre a proposta de estudos desenvolvida no projeto, reportando-se aos recortes de jornais que tratavam de crimes passionais – relacionando-os tanto ao tema de Gota d'água, quanto ao mito de Medéia – e, desta forma, identificando as aproximações e ou os distanciamentos entre os textos.

Esta proposta teve sua importância na medida em que evidenciou o potencial da Estética da Recepção para abordagens do texto clássico e formação do espectador no contexto do ensino fundamental. A abordagem metodológica orientou para que se colocassem os alunos em contato com textos clássicos e com produções contemporâneas que realizam releituras dos mitos, o que possibilitou romper com horizontes de expectativas, conduzindo-os para uma melhor compreensão entre as diferenças implicadas no desenvolvimento do enredo e a composição estrutural das peças.

A experiência da Iniciação Científica e do Estágio supervisionado no Ensino Fundamental foi bastante profícua, no sentido de nos motivar, também, para o desenvolvimento de novos projetos que visem à formação de leitores, tomando os

textos dramaturgicos como material de leitura, assim como objeto de cultura e de ampliação dos horizontes de expectativas dos alunos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de e BORDINI, Maria da Glória. Literatura: a formação do leitor. Alternativas metodológicas. Porto Alegre-RS: Mercado Aberto, 1993.

ALBIN, Lesky. A tragédia grega. São Paulo: Perspectiva, 1982. ARISTÓTELES. Arte retórica e arte poética. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril, 1984.

BORNHEIM, Gerd A. O sentido e a máscara. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. Gota d'Água. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

EURÍPEDES. Medéia, Hipólito, As troianas. Trad. Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: A literatura e o leitor: textos da estética da recepção. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. São Paulo: Ática, 1994.

MARTINS, Marcos Bulhões. Visões da ilha: apontamentos sobre teatro educação. Coordenado por Arão Paranaguá de Santana; Luiz Roberto de Souza e Tânia Cristina Costa Ribeiro. São Luís: UFMA/Sebrae, 2003.

PAVIS, Patrice. Dicionário de Teatro. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ROSSETO, Robson. Pedagogia do teatro: um estudo sobre a recepção. Florianópolis, 2007. 99 f. Dissertação (Mestrado em Teatro) - Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina.

SOMERS, John. Drama e História: Projeto Peste Negra. In: CABRAL, Beatriz.
(Org.)

Ensino do teatro: experiências interculturais. Florianópolis: Imprensa
Universitária, 1999, p. 27 -43.